

## Ecoss de um cotidiano juvenil: as escritas de si na privação de liberdade<sup>1</sup>

11

Nilda Stecanela\*  
Carmem Craidy\*\*

**Resumo:** Neste texto procuramos tematizar o cotidiano juvenil a partir de contextos de privação de liberdade. Apresentamos algumas análises possíveis de serem realizadas dentro do conjunto da pesquisa matriz que o origina: “Escola de Borracha: um estudo sobre os processos educativos e identitários de jovens em privação de liberdade”, cujo foco volta-se para os processos educativos e identitários de jovens em conflito com a lei. O viés metodológico que escolhemos para o desenvolvimento da pesquisa envolve a escuta de jovens a partir de suas narrativas escritas, na troca de cartas com os pesquisadores. Por meio das palavras dos jovens, identificamos outras dimensões dos percursos juvenis, assim como os dispositivos construídos para viverem a juventude possível em contextos de inclusão precária. A partir dos procedimentos da análise textual discursiva, trazemos alguns retratos da realidade juvenil vivida nos espaços de confinamento, especialmente daqueles voltados às representações que os jovens internos de um Centro de Atendimento Socioeducativo (Case), situado numa cidade do extremo sul do Brasil, têm sobre sua situação juvenil e sobre a liberdade.

**Palavras-chave:** Processos identitários. Jovens em conflito com a lei. Representações sobre liberdade.

\* Doutora em Educação. Docente no PPGEDU da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na Rede Municipal de Ensino (RME) de Caxias do Sul. Coordenadora do Observatório de Educação da UCS. *E-mail:* nildastecanela@terra.com.br

\*\* Doutora em Educação. Docente no PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão, Educação, Exclusão e Violência Social (Nupeeeps) da UFRGS. Membro do corpo visitante do Observatório de Educação da UCS. *E-mail:* cmcraidy@terra.com.br

<sup>1</sup> Além das autoras deste texto, a pesquisa conta com a colaboração de outros pesquisadores: Evaldo Antonio Kuiava – PPGEDU/UCS; Delcio Antonio Agliardi – Associação Criança Feliz; Morgana Bozza – Pibic/CNPq (a partir de fevereiro de 2010); Franciele Becher – Mestranda no PPGHIST/UFRGS e Pibic/CNPq (de agosto de 2008 a janeiro de 2010).

*Echoes of a juvenile everyday life: writing about  
oneself under restriction of liberty*

**Abstract:** In this text, we try to deal with the topic of juvenile everyday life in contexts where there has been restriction to their freedom. We present a few analyses that are possible to be done within the main research that gives origin to the topic: “*Escola de Borracha: um estudo sobre os processos educativos e identitários de jovens em privação de liberdade*”, which is focused towards educational and identity processes of youngsters who have some kind of conflict with the law. The methodology chosen for the development of the research involves listening to these youngsters from their narratives in writing, in their exchange of letters with the researchers. Through their words, we were able to identify other dimensions of juvenile journeys, as well as the devices built in order to make it possible to live their youth in contexts of precarious inclusion. Thanks to procedures of discourse text analysis, we can build some portraits of the juvenile reality lived in the spaces of confinement, especially those aimed at the representations that the youngsters at a center called *Centro de Atendimento Socioeducativo* (Case), and which is located in a city in the southernmost region of Brasil, have on their juvenile situation and freedom.

**Keywords:** Identity processes. Youngsters with conflicts with the Law. Representations on freedom.

---

## Introdução

O interesse por investigar os processos educativos e identitários de jovens em privação de liberdade surge em meio a um contexto em que se ampliam as pesquisas no campo das ciências humanas e sociais tendo a temática da juventude como objeto de análise, categoria social e historicamente construída que, segundo vários pesquisadores (MELUCCI, 1997; KEHL, 2004; STECANELA, 2008; PERALVA, 1997; AGLIARDI, 2007), constitui um “espelho” da sociedade contemporânea.

No caso específico dos jovens autores de atos infracionais, podemos recorrer a uma vasta bibliografia que procura analisar as instituições de caráter repressivo e socioeducativo na trajetória dos jovens, bem como os motivos e contextos da produção dos atos infracionais ou ainda, a legislação existente e como ela ganha movimento na dinâmica da vida desses jovens.

Convém destacar que não é propósito de nosso estudo tomar o jovem infrator como problema social, mas, antes pelo contrário, procurar desenvolver uma investigação liberta dos condicionamentos *a priori* e das rotulações, observando-os como sujeitos de direitos.

Essa escolha reflete nosso estado de vigilância para não nos deixar condicionar pelas “etiquetas”, que, em conformidade com Pais (2004), originam realidades representacionais, discursivas e mitificadas. O “processo de etiquetagem” corre o risco de criar interpretações sociológicas que nem sempre correspondem à realidade. De forma análoga ao autor, tentamos recolocar as questões: Quem são esses jovens que levam as etiquetas atribuídas? Identificam-se eles com essas etiquetas? Somente os jovens em privação de liberdade sofrem processos de etiquetagem? Haveria diferenças nos processos de etiquetagem dos jovens dessa situação social e daqueles não pertencentes a ela? Com as respostas a essas questões, pretendemos contribuir para a construção de um olhar para além do perfil de problema social já anunciado anteriormente, pois, de acordo com Pais,

os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem a realidade, embora ajudem a criar. O importante é não nos deixarmos contagiar por equívocos conceptuais que confundem a realidade com as representações que dela surgem. (2004, p. 11).

Acreditamos que a interpretação da voz dos jovens da pesquisa, à luz das teorias que nos orientam, emerge das representações que possuem de si, para além da grave situação social denunciada em dados estatísticos em relação ao emprego, à escolaridade, às doenças sexualmente transmissíveis, à violência, à paternidade precoce, ao uso de drogas, que talvez, não coincidam com as “etiquetas” representadas pelos números e amplamente difundidas pelos meios de comunicação e pelo senso comum ou, ainda, pelo mundo adulto. Na voz dos sujeitos da pesquisa, temos procurado indícios que nos permitam compreender como se dão os processos identitários e educativos do jovem em contextos de privação da liberdade.

Dizendo de outra forma, procuramos observá-los para além da concepção de problema social, na direção de concebê-los como sujeitos

de direitos, na perspectiva apontada por Sposito e Carrano (2003). Em outras palavras, trata-se de uma postura atenta para os modos de transição dos jovens para a vida adulta, seus estilos, modos de vida e valores.

Os sujeitos da pesquisa, nessa primeira fase, são jovens do sexo masculino e internos num Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) em uma grande cidade do interior, localizada no extremo sul do Brasil. A partir da troca de cartas, foi construído nosso banco de dados e procedeu-se à impregnação do material escrito e disponibilizado, iniciando o processo de unitarização e categorização. Esclarecemos que o convite para participar da pesquisa foi extensivo a todos os jovens internos da instituição que serve de cenário para nossa pesquisa, totalizando, aproximadamente, 70 jovens, em encontro presencial desencadeado a partir da projeção do filme “Escritores da Liberdade”. O fluxo nas escritas se manteve com nove jovens mobilizados a partilhar suas reflexões, a partir das escritas de si, com nossa equipe de pesquisa, desde o mês de abril de 2009.

Na sequência deste texto, descreveremos os procedimentos adotados até o momento, com base nas primeiras incursões no campo da pesquisa, apresentando os recortes teóricos, metodológicos e empíricos que pautam nosso olhar para o processo de pesquisa desenvolvido, iniciando algumas análises ainda preliminares.

### **Construindo os suportes para as escritas de si**

Os procedimentos para localização dos sujeitos da pesquisa e para a composição do *corpus* exigiram atitudes muito cuidadosas desde os primeiros momentos do estudo, iniciado em agosto de 2008, numa parceria entre cinco investigadores de três instituições diferentes.

O primeiro passo decorreu da busca de autorização judicial para a realização da pesquisa em instituição de caráter socioeducativo destinada a jovens infratores e com idades inferiores a 21 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) regulamenta a Doutrina da Proteção Integral da ONU e estabelece parâmetros para a realização de intervenções em Unidades Socioeducativas.

O segundo passo envolveu reuniões com a equipe de técnicos a qual atuam na instituição escolhida para cenário da pesquisa, uma vez que acolhe funcionários da Secretaria Estadual de Segurança Pública e da

Secretaria Estadual da Educação, pois mantém uma escola no interior da mesma.

O terceiro passo envolveu o convite aos jovens para participarem da pesquisa, momento que exigiu negociações com a instituição no sentido de não aglomerar um número muito grande de jovens num mesmo espaço, tampouco misturar aqueles com delitos graves com os que praticaram delitos mais leves.

A estratégia de abordagem e de sensibilização foi a projeção do filme “Escritores da Liberdade”, mediando as cenas com recortes dos objetivos da pesquisa e sua metodologia.

Ao todo foram realizadas quatro sessões com, aproximadamente, quinze jovens em cada uma, momento em que entregamos uma primeira carta recolocando nossos objetivos e os envolvimento esperados a partir do “aceite” em fazer parte da pesquisa, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Explicamos que a participação era voluntária, e que a continuidade no fluxo de escrita de cartas entre os pesquisadores e os jovens poderia ser rompida a qualquer momento, considerando a escolha de cada um.

Foram entregues envelopes a todos os participantes, sendo que poucos foram os que devolveram logo na saída da sessão, demonstrando que não pretendiam colaborar e/ou participar. No interior de cada envelope, havia papel pautado para a escrita das cartas, outro envelope para depositá-la, uma pena de caneta extraída de seu suporte externo devido às exigências da segurança.

Foi combinado que a cada 15 dias, sempre às quintas-feiras, estaríamos na instituição para recolher e entregar nossas respostas às cartas recebidas na quinzena anterior. A manutenção da rotina foi um cuidado levado em conta, como forma de não criar falsas expectativas, pois fomos orientados (acerca dessa necessidade) por parte da instituição. A diretora da escola seria a ponte entre os jovens e a equipe de pesquisadores, com o cuidado de que as cartas fossem lacradas para impedir que fossem lidas por outros que não pelos interessados na pesquisa.

É inegável que nossa expectativa para a leitura da primeira leva de cartas era grande. Indagações sobre quantos teriam aderido ao nosso convite perpassavam nossas inquietações. Na primeira abordagem, após a sessão de divulgação da pesquisa, havia três cartas à nossa disposição.

O desafio à escrita de cartas era espontâneo e não perpassava pelas ações da escola, embora fosse o desejo de alguns professores e sempre houvesse alguma interferência, pois alguns jovens davam as cartas às professoras e/ou monitores lerem. Algumas delas chegaram com correções ortográficas sinalizadas com lápis ou, ainda, com uma caligrafia que não se identificava com o perfil do autor da carta, indicando que o jovem ditou sua carta para alguém escrevê-la. Esses aspectos estiveram mais presentes nas primeiras semanas e, aos poucos, foram se diluindo, talvez pela familiaridade com a presença dos pesquisadores na instituição ou pelos esclarecimentos de que a pesquisa não pretendia avaliar a instituição, mas a trajetória dos jovens e seus processos identitários.

Nesse sentido, convém salientar que o grupo de professores e de técnicos, após passadas algumas semanas, dirigiu-se à coordenação da pesquisa, solicitando a troca do título do projeto, pois julgavam que a expressão “Escola de Borracha” carregava consigo um tom pejorativo que poderia comprometer a imagem do trabalho desempenhado na escolarização dos jovens. Essa expressão foi atribuída à escola por alguns jovens, em pesquisa realizada anteriormente por um membro da equipe, desafiando a compreensão das representações que eram construídas em torno dela e batizando o projeto, tendo em vista o seu caráter metafórico.

Um fato que nos desafia a análises refere-se à estrutura que cada jovem imprimiu às suas cartas. As cartas do jovem J1, em situação de foragido, sempre vieram com a devida identificação, datadas e com uma letra fácil de ser entendida. Desde a primeira vez, nos escreveu cartas longas e bastante detalhadas. Outro aspecto refere-se ao fato de eles nem sempre utilizarem as folhas de papel deixadas como suporte às suas escritas, registrando suas ideias, por exemplo, em folhas de papel arrancadas de cadernos em formato espiral e/ou brochura.

Outro jovem (J2), com 19 anos, enviou a primeira carta manuscrita por outra pessoa, como foi possível verificar pela comparação da grafia em relação com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ele sempre inicia suas cartas com uma saudação, dizendo quem está escrevendo. Em uma das cartas, se dirigiu especialmente à coordenadora da pesquisa. Sua escrita é agradável, bastante informativa, parecendo se esforçar para ser o mais claro possível. Procura datar quase sempre as suas cartas. Uma delas veio bastante rasurada, mas, no geral, têm poucos erros de ortografia e uma letra legível.

O jovem J3, de 20 anos, também recorreu ao auxílio de outra pessoa, provavelmente a mesma que ajudou seu companheiro de “confinamento”, indicando diferenças visíveis com a caligrafia no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A carta desse jovem foi bastante informativa, com grande ênfase na sua vontade de se ver livre das drogas.

Algumas cartas são quase indecifráveis, exigindo habilidades apuradas na compreensão dos registros, incluindo muitas rasuras. Poucos são os que se preocuparam em se apresentar e em datar suas escritas.

No que se refere ao conteúdo, é possível perceber jovens fazendo reflexões de si e de sua situação juvenil, tentando aproximações com seus interlocutores, apresentados na sessão de divulgação da pesquisa. Algumas cartas mostram muita inquietação e angústia com frases de efeito e grafadas em maiúsculas, como, por exemplo: “*FODA-SE O SISTEMA*”. Quanto à linguagem, em geral, valem-se de gírias, com as quais procuramos ter um cuidado especial, remetendo perguntas em tentativas de decifração das representações que as cercam através dos textos de nossas respostas.

A partir da segunda e da terceira cartas, os fluxos na comunicação e os vínculos entre cada jovem e seus interlocutores começaram a dar sinais, ainda que tímidos, de estarem acontecendo.

Tendo em vista as combinações feitas na sessão de divulgação da pesquisa, as cartas dos jovens são digitadas, datadas e remetidas junto com as nossas respostas. Essas são digitadas em itálico e assinadas por todos os membros da equipe. Um dos jovens solicitou que sua carta não fosse reproduzida junto com nossa resposta, fato que foi prontamente atendido. Essa estratégia foi por nós entendida como forma de evocar as memórias dos jovens, pois eles não ficam com registro algum em seus espaços de confinamento, nomeados por eles de “brete”.<sup>2</sup>

Alguns jovens iniciam suas cartas com uma saudação, como é o caso de J6, de 15 anos, também foragido: “*Caros pesquisadores*”, demonstrando também bastante entusiasmo com a pesquisa em sua despedida ao fim da carta. O jovem J7, também de 19 anos, ao fim de sua longa carta,

---

<sup>2</sup> Vocábulo do regionalismo do Estado do Rio Grande do Sul, indicando um corredor curto e estreito, entre fileiras de estacas ou aramados, por onde se leva o gado para marcá-lo, castrá-lo, curá-lo, vaciná-lo, descorná-lo, pesá-lo, conduzi-lo ao banho carrapaticida ou ao vagão de transporte ou para abatê-lo.

falou de sua história de vida e nos presenteou com um poema, provavelmente de sua autoria, intitulado “Triste prisioneiro”, descrevendo partes de sua infância e adolescência.

As cartas foram assumindo o perfil de entrevista e, em cada resposta, novas indagações, sendo que alguns jovens passaram a dirigir perguntas aos pesquisadores, como, por exemplo: “E vocês, o que pensam disso?” Há ainda o jovem J9 que descreve seus delitos e os motivos que o levaram à privação da liberdade, fechando sua carta com um “FIM” escrito em letras maiúsculas. Na parte de fora da mesma, seu nome veio escrito em forma de um desenho, como algo que estivesse escrito em um muro de tijolos.

Ainda no que se refere à transcrição das cartas, assim que são recolhidas, procedemos à sua digitação. Organizamos um arquivo de texto para cada um dos jovens, o qual tem em seu início um cabeçalho que indica o nome do jovem, a data ou o período em que a carta foi escrita, e se é a primeira, a segunda, a terceira, etc. correspondência enviada.

Transcrevemos as cartas sempre procurando manter, ao máximo, a escrita original dos jovens, somente intervindo na pontuação ou ortografia para facilitar a leitura por parte dos pesquisadores. Quando aparecem pequenas frases, recados, pedidos na parte de trás das cartas, ou muito ao fim do texto, sempre sinalizamos com uma fonte de formatação diversa para informar sobre como a carta está organizada.

Em seguida, um dos pesquisadores, ou mesmo uma dupla, se propõe a responder a uma ou mais cartas, porém, sempre as assinamos em grupo. As respostas são colocadas em envelopes meio-ofício lacrados, que, por sua vez, são depositados em envelopes maiores, no qual seguem também uma folha pautada e um envelope para a próxima resposta do jovem.

Quando os jovens não nos respondem nos 15 dias subsequentes à entrega de nossa resposta, o grupo de pesquisadores remete uma nova carta, questionando se receberam nossas correspondências, reforçando algumas perguntas e propondo novos questionamentos. Recorremos ao “reenvio” de respostas diversas vezes, como forma de tentar garantir um vínculo com os jovens e o fluxo das escritas. Por isso, o volume de cartas remetido pelos pesquisadores é superior ao volume de cartas recebido dos jovens.

Até o início de janeiro de 2010, o *corpus* da pesquisa se compunha de 64 cartas enviadas (pelos pesquisadores) e 33 cartas respondidas pelos jovens, transcritas em papel A4, totalizando 140 páginas de material empírico para análise.

Importante é destacar que o estímulo às escritas de si (FOUCAULT, 2006), por meio do uso das cartas como suporte, está possibilitando conhecer outras dimensões do cotidiano juvenil, nesse caso, o da privação da liberdade, assim como os dispositivos construídos pelos jovens investigados para viverem a juventude possível, dada a situação social.

Observa-se que, inicialmente, é quase impossível dissociar as narrativas dos delitos, porém, aos poucos, uma conversa solta vai fluindo, apresentando divagações, planos, sonhos e até queixumes, a exemplo da experiência de Câmara (2001), desenvolvida com jovens prisioneiros no interior da Bahia, trabalho que inspira nossas análises. O início de um diálogo mostra-se fértil, sempre com o desafio de manter a motivação para a escrita e o fluxo nas correspondências, exigindo competências e estratégias metodológicas criativas por parte dos pesquisadores.

### Ser jovem em contextos de privação de liberdade

Constituir-se como jovem e assumir o pertencimento a essa categoria socialmente construída, agregando o contexto da privação de liberdade é, com certeza, um grande desafio para os atores desta pesquisa. As narrativas produzidas até o momento indicam que os jovens privados de liberdade travam lutas cotidianas na construção de seus processos identitários, negociando, constantemente, com os polos estruturadores de sua identidade (MELUCCI, 2004), produzindo narrativas sobre quem foram, quem são e quem querem ser. Passado, presente e futuro se entrelaçam num misto de negação, afirmação e projeção.

O jovem J1 demonstra isso no texto de sua segunda carta, ao afirmar que luta contra seus pensamentos, o tempo todo, em tentativas de *“fazer o que é certo”*, admitindo que essa é uma tarefa muito difícil. Para ele, *“estando aqui a pessoa foge da realidade do mundo e se esquece dos problemas da família às vezes e quando sabe de algo abala totalmente a estrutura que tinha conseguido obter”*. Entre o “aqui” e o “lá”, seus projetos se ancoram e também se afundam. O desejo de conquistar a liberdade é mesclado pelo sentimento de proteção, no interior da instituição, narrado por J8, 18 anos, em sua primeira carta:

*Me desculpe, mas eu vou falar bem a verdade: eu prefiro estar aqui do que estar lá fora. Sabe por que? Eu não sou um menino mimado, se eu tivesse na rua eu estaria roubando ou até mesmo morto. Aqui eu tenho um teto e uma cama para mim dormir, e as dona e as professoras são legais, elas me ajudam e me corrigem na hora que eu estou errado, coisas que eu não tenho lá fora.*

Muitas narrativas combinam diferentes espacialidades e temporalidades, produzindo sentidos que assumem a instituição como um lugar no qual o tempo vai passando muito devagar ou vai consumindo os resquícios da possibilidade de viver a juventude. Para J1, “dentro da casa não existem muitas dificuldades” e as regras são conhecidas por todos. Embora seja difícil manter, o controle é determinado por fatores externos, quase sempre associados aos pareceres dos técnicos, como forma de não tomar advertências e de não ir para o isolamento, “pois isso conta muito na avaliação que vai para o juiz”. Para J8, “ser jovem e preso, isso para mim não é nada bom, e nem pros meus amigos, assim seja nós estamos perdendo toda a nossa juventude, pois já perdemos toda a infância, pois ninguém é santo”.

Perder a juventude carrega consigo representações da morte do tempo, como se o tempo da vida lá fora fosse volátil, e o tempo da vida dentro da instituição se aproximasse de uma quase ausência de memória na perspectiva de uma não vida. Antes mesmo de se darem conta de que estão vivendo a plenitude da sua juventude, esses jovens procuram, com todas as suas forças, se estruturar como pessoas, buscando uma autonomia nas suas escolhas quase impossível de ser conquistada dado o poder da dependência química em sua corporeidade. J1 bem descreve isso ao afirmar que costuma “matar um leão por dia”. Ele assume que tem uma doença com a qual tem que lidar e a caracteriza como uma “doença emocional”. Segundo suas narrativas:

*Sou dependente químico, e não posso nem sequer tomar um remédio que me sinto com vontade de usar drogas. Me seguro com todas as minhas forças, mas não só a minha pois, sem Deus, com certeza eu não conseguiria me manter longe do vício.*

O emergir e o submergir é parte constituinte de seus tempos de internação, conforme relata J1 em sua primeira carta: *“As pessoas acham que quando a pessoa foi presa, ou privada da sua liberdade, está no fundo do poço, mas eu acredito que cada um pode definir o seu fundo do poço”*. Essas narrativas apresentam suas reflexões para os tempos de sua juventude e para o desejo de recuperar o tempo perdido. Para ele, a maior dificuldade e que causa angústias *“é quando você se toca que só perdeu tempo, que no teu caso prejudicou várias pessoas que gostam de você, que não deu valor às oportunidades”*. Uma espécie de balanço de ações ou de exame de consciência costuma ser frequente nos textos das cartas, trazendo muito do discurso da comunidade terapêutica e também das narrativas que remetem à necessidade de recomeçar ou de *“rebuscar”* conforme expressão também de J1:

*O sentimento de culpa começa a pegar a sua mente e você se sente fraco, sem esperanças, sem forças para rebuscar e acaba cometendo o mesmo erro, mesmo sem tentar buscar uma vida nova, porque você se tornou incapaz de tê-la. Esse ambiente tenho certeza que me prejudicou muito. Prejudicou porque eu deixei que isso acontecesse em minha vida e agora é só correr atrás dos prejuízos.*

O paradoxo da escolha (MELUCCI, 2004) é recorrente nas narrativas desses jovens, puxando para si a responsabilidade de terem deixado *“rolar”*, de terem deixado acontecer, indicando que estaria em suas mãos a possibilidade de escolher outro caminho que não o da delinquência. J2 considera-se *“uma pessoa muito persistente”*, afirmando que *“o que ele quer, ele quer, e ele vai até o fim até conseguir”*. A persistência tem sido a palavra de ordem, um dos dispositivos para a superação da fragmentação dos tempos de vida que a privação de liberdade provoca em muitos deles. Muitas vezes ela cede lugar para os atravessamentos do cotidiano e para as pressões que o viver a juventude nessas condições provoca. Recaídas acontecem, e os suportes para a reconstrução nem sempre estão disponíveis para jovens que vivem tais processos de etiquetagem. J1 contribui com suas palavras, indicando a existência de um abismo entre o desejo e a ação, mais uma vez responsabilizando o próprio jovem (a si mesmo) por suas escolhas: *“Se você não tomar uma atitude para reverter esse quadro, estará cavando sempre mais”*.

A escola é um dos dispositivos oportunizados para acelerar o tempo em direção à liberdade e/ou como elemento produtor de libertação. É no espaço/tempo da escola que muitos jovens produzem sentidos para o ser/estar-no-mundo. J2 diz gostar da escola e demonstra relações afetivas bastante estreitas com uma das monitoras e com as professoras: “Quando eu vou para a escola aqui na casa, costumo prestar a atenção no que os professores têm pra ensinar.” Para J5, 19 anos, em sua segunda carta, a escola é uma possibilidade de se ocupar para passar o tempo e também uma ponte para aceder a outros patamares da vida social:

*Eu no momento estou me ocupando o máximo que eu posso para passar o tempo, eu estou me esforçando para acabar o Ensino Médio, no momento eu estou cursando o 3º ano do Ensino Médio e os projetos que eu estou pensando em sair daqui e constituir uma família e fazer se possível uns cursos profissionalizantes, e arrumar um bom emprego porque pra quem quer uma família precisa de um bom emprego.*

As narrativas sobre a vida privada em torno dos afetos ainda é tímida, diferente da relação com a família e, em especial, com as preocupações em não magoar a mãe. Um dos jovens (J2) assumiu-se nas cartas com identidade *gay* e narrou as dificuldades que passa com o preconceito: “Ah, tem mais uma coisa que quero falar, aqui os adolescentes são muito preconceituosos com o fato de eu ser *gay*, sofro várias ameaças, vocês não tem noção do que é viver aqui”.

Os delitos estão, na maior parte dos casos, associados ao porte de drogas, assalto à mão armada, e uma parcela, a homicídios. O tempo de internação, em média, ultrapassa dois anos, entre idas e vindas, fugas, recorrências nos delitos e reavaliação da medida socioeducativa. Não temos dúvidas de que as escritas de si, oportunizadas pela troca de cartas, vêm ganhando sentido na trajetória dos jovens da pesquisa, como expressa J8 na sua quarta carta:

*Eu estou gostando de escrever as cartas, e quando eu estou abalado eu brinco com os outros, não demonstro às outras pessoas e quando eu recebo as respostas das cartas eu fico faceiro, pois eu só recebi uma carta dos meus irmãos por enquanto, no dia 24/06/2009. É isso. Obrigado pela oportunidade que vocês estão me dando.*

Narrativas sobre os afetos aparecem em quase todas as cartas, seja pela falta que sentem das namoradas e/ou do namorado, seja pelos contatos que conseguem manter por meio das visitas recebidas. J5 mostra-se tranquilo nesse aspecto, já que recebe visita toda quarta-feira e domingo. Sua juventude é vivida também pela troca de cartas com uma garota. Para ele, *“os dias são normais como de um preso qualquer, eu às vezes escrevo cartas para os meus sobrinhos e faz uns sessenta dias que eu comecei a conversar com uma garota e ela está me mandando cartas e eu estou respondendo para ela”*. Já para J2, os desafios são maiores, pois seu namorado também está preso, mas, por ser maior de idade, encontra-se na penitenciária da cidade. Em seus projetos de futuro, está sinalizado o desejo de reencontrá-lo.

### **A liberdade possível construída no “confinamento”**

Observar as narrativas produzidas sobre a categoria *liberdade* implica perceber as ambiguidades que o termo encerra. A expressão de J4 dizendo que *“as grades não prendem nossos pensamentos”*, indica as construções possíveis de liberdade nos espaços de confinamento. Ela remete à ideia, isto é, ao conceito de liberdade e à sua capacidade de efetivação no concreto, no mundo da vida [*Lebenswelt*]. Nesse sentido, em que medida é possível ser livre em contexto de privação de liberdade? A expressão desse jovem, em forma de sentença, tem um pressuposto de que a liberdade e o pensamento estão correlacionados. Por isso, podemos nos perguntar: Que relação se pode estabelecer entre a liberdade e o pensamento? Como é possível agir livremente nesse contexto?

Evidentemente, o tema *liberdade* perpassa a história do pensamento ocidental, desde a Antiguidade até os dias atuais. A sua relevância se evidencia ainda mais em um contexto de conflito com a sociedade e com as suas estruturas formalmente instituídas. Em primeiro lugar, podemos associar a questão da liberdade com a própria questão da vida humana, tanto na esfera privada quanto nas esferas pública e social. Costuma-se afirmar que a liberdade é inerente à vida humana. Ser humano é ser necessariamente livre ou, então, não se é humano. A liberdade é inerente ao ser humano, o que o diferencia dos demais seres que são simplesmente determinados pela lei da natureza, pela fisiologia, pela genética, pelos seus instintos.

Sob o foco das narrativas dos sujeitos desta pesquisa, podemos associar liberdade com escolha, tendo em vista que, nas sociedades complexas, os jovens estariam diante do que Melucci (2004, p. 62-64) refere como o “paradoxo da escolha”. A juventude contemporânea vive essa situação de forma muito ambivalente. Ao mesmo tempo que o curso da vida não segue mais o seu fluxo “natural”, estandardizado e padronizado, abre-se um leque de possibilidades, um cardápio variado de alternativas a eleger, porém e contraditoriamente, sem as devidas equidades que permitam a autonomia para a definição e a estruturação dos projetos pessoais e coletivos da ação. Segundo Melucci (2004), “escolher parece ser hoje o nosso destino, aquilo que não podemos mais evitar”. Giddens (2002, p. 79) acrescenta que a “escolha” é um componente fundamental da atividade do dia a dia, na estruturação do eu. “A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e, ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas.” O autor alerta que nem todas as escolhas estão abertas a todos, e que nem todas as pessoas tomam suas decisões com pleno conhecimento das múltiplas alternativas possíveis.

Somos requeridos a fazer escolhas e a agir diante de um mundo de possibilidades, como forma de sobreviver à quantidade crescente de incertezas que, muitas vezes, nos sufocam. Savater (2004, p. 33-43) diz que “a ação é uma capacidade opcional dos humanos, mas uma necessidade essencial, da qual depende nossa sobrevivência como indivíduos e como espécie”. Para o autor, é possível escolher quando e como agir, no entanto, não se pode deixar de agir e, nesse caso, não há escolha. Em contrapartida, sob forte pressão, nossa capacidade de escolha para agir pode até ser reduzida, mas não é anulada por completo. Com a ampliação do campo de nossa experiência, diante da pluralidade de pertencimentos, nosso campo de ação ultrapassa a capacidade de agir simultaneamente. Esse processo complexo nos leva, por assim dizer, a viver o paradoxo da escolha como destino, pois, segundo Melucci (2004), “é impossível não escolher entre os possíveis”. (p. 47).

A escolha funciona como um jogo de experimentação, de suscetibilidade ao risco, no qual tanto se pode ganhar como perder. As ameaças são permanentes, engendram mudanças e provocam pressão: a necessidade de reinvenção da própria condição de ser jovem em contextos adversos como o da privação de liberdade. Reinventar significa agir, desenvolver esquemas de ação nos processos contínuos de socialização.

Reinventar significa inventar de novo e, por isso, remete a uma ação recorrente sobre outra ação: a da invenção. Inventar como uma ação do cotidiano pode assumir o significado de criar, de fazer um esboço e colocá-lo em prática, mas pode, também, assumir a dimensão de imaginar, fantasiar, idealizar, achar, ou encontrar, e até mentir.

Isso evidencia as afirmações de J1 quando fala de sua luta contra os “leões” diários que atacam seus pensamentos em direção à superação da dependência química e da sua doença emocional. Que possibilidades de escolha lhe restam? Que liberdades são possíveis de serem conquistadas nesses contextos de inclusão precária?

Podemos relacionar que a grandeza do homem consiste exatamente em se autodeterminar a partir da liberdade, isto é, a partir da sua capacidade de escolher, do livre-arbítrio e não da ação condicionada naturalmente. A ação humana implica, sempre, a liberdade, e ela se pauta sobre princípios determinados pelo próprio homem; caso contrário, o homem seria norteado somente pelas leis da natureza e, conseqüentemente, não haveria mundo humano propriamente dito, e toda sua ação se submeteria a normas estranhas à vontade livre.

Contudo, quando se trata de jovens em privação de liberdade, a questão é muito mais complexa. Não é fácil determinar com alto grau de precisão até que ponto uma certa conduta é determinada por um conjunto de determinações sociais e culturais que conferem a essa forma de agir sob o signo da aparência de ação livre quando, na verdade, trata-se de condutas predeterminadas pela cultura e pela sociedade. Embora se tenham feito, ao longo da história, muitos esforços para solucionar a questão da liberdade, o que se percebe é que não há uma solução definitiva. Se é verdadeiro que a noção de humanidade está associada à de liberdade, então é preciso ter clareza acerca de todas as implicações que daí decorrem.

Em primeiro lugar, não se pode negar a de liberdade, mesmo em condições desfavoráveis como as que os jovens enfrentam, tendo em vista seus atos infracionais. Se abandonarmos a ideia de liberdade, teremos que abandonar a ética, o direito, a justiça, a cultura e todas as demais atividades e atitudes humanas. Nesse caso, todo tema sobre justiça, resgate da cidadania, dignidade da vida como um todo estaria superado, pois qualquer indivíduo poderia alegar que a sua ação foi previamente determinada por forças estranhas à sua individualidade.

Por outro lado, a liberdade não existe em si mesma, nem é somente uma estrutura formal: ela se concretiza na vida real, nas ações do dia a dia e se sustenta na medida em que se criam condições humanas de vida na sociedade civil organizada.

A forma de concretização da liberdade humana é a realização de ações que favoreçam a realização de um projeto de vida pessoal na sociedade. Nesses termos, a liberdade está associada à capacidade de autodeterminação, como possibilidade de escolha dentro de certos limites e condicionamentos, tais como: naturais, psíquicos, morais, políticos, econômicos, culturais, etc. Ninguém é livre absolutamente. Nesse caso, a liberdade humana não vai além do que o Estado determina, pois o Estado é expressão máxima da liberdade subjetiva que se tornou objetiva, isto é, válida para todos.

Não podemos deixar de relacionar que os jovens da pesquisa encontram-se em contextos de inclusão precários, considerados por Martins (2003) como um novo modo de vida também designado de “nova desigualdade” que “se expressa também, e especialmente, na criatividade dos excluídos”, por meio de uma reinclusão que até é possível no plano econômico, porém, não se dá no plano social, porque “a pessoa não se reintegra numa sociabilidade normal”. Os pensamentos dos jovens e os seus projetos de futuro, narrados nas cartas, produzem isso, ou seja, um mundo imaginário, uma consciência fantasiosa e manipulável que engana. Nesses contextos de invenção e de reinvenção de um cotidiano juvenil possível, se processam as escolhas desses jovens e o exercício de liberdade possível, ditado pelas normas da instituição.

Os jovens da pesquisa fazem parte de um quadro que remeteria a afirmar que eles não participam mais da condição juvenil. No entanto, penetrando nos meandros de seu cotidiano, a partir de suas narrativas sobre ele, em diálogo com a produção do conhecimento sobre a temática, torna-se possível reconstruir as interpretações sobre o que nossas lentes registram, transformando um problema social em problema sociológico, passível de questionamento ou, como afirma Pais (2003), “passar do significante social ao significado sociológico”. Ao procederem com as escritas de si, através das cartas, esses nove jovens produzem narrativas que traduzem sua compreensão de como é possível ser jovem em contextos de privação da liberdade. Sob o ponto de vista da lei, são jovens em cumprimento de medidas socioeducativas de internação. Sob o ponto de vista deles próprios, algumas narrativas indicam que se autoconsideram

como “um preso qualquer” ou como “um triste prisioneiro”. Sob o ponto de vista da análise dos interstícios de suas narrativas, são jovens que vivem a juventude possível a partir da inclusão precária.

Esses percursos analíticos demandam ainda muitos investimentos por parte da equipe de pesquisa, porém, sinalizam a fertilidade que as narrativas sobre si podem produzir levando-nos a compreender a juventude possível vivida no confinamento. Encerramos este item com o poema de J7:

*Sou um triste prisioneiro  
Herdeiro da solidão  
Sou forte fisicamente, mas fraco de coração.  
Quando penso no mundão,  
Lembro que amei e fui amado,  
Mas por causa do meu erro  
Hoje sou um triste prisioneiro que sofre calado.*

### **Considerações finais**

Neste texto, procuramos descrever os itinerários metodológicos percorridos no que caracterizamos como sendo a segunda fase da pesquisa que estamos realizando. A partir da descrição da trajetória feita até aqui, foi possível mapear três possíveis categorias de análise e que emergem das palavras dos jovens: as escritas de si; ser jovem nos contextos de privação de liberdade; e a liberdade possível construída nos espaços de confinamento. Essas categorias sinalizam indícios que nos permitem transitar pela compreensão das identidades juvenis a partir desse recorte metodológico, ou seja, pelas lentes focadas na privação de liberdade.

A partir da matéria-prima de nosso estudo, ou seja, as narrativas escritas de nossos interlocutores empíricos, temos a possibilidade de redesenhar caminhos, em diálogo com os interlocutores teóricos buscados nos ecos das palavras dos jovens e nas ondas de nossos conhecimentos tácitos, caracterizando um “diálogo em três dimensões”. (STECANELA, 2008).

Podemos relacionar as cartas dos jovens à categoria “correspondência” desenvolvida por Foucault (2006, p. 149), ao abordar as escritas de si,

à medida que elas não são “uma maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros”. As escritas de si repousam sobre um solo dialógico. Cada palavra escrita se configura como uma proposta de diálogo. Nessa moldura cada expressão adquire uma forma de ação e de reflexão. As narrativas trazem à luz o horizonte que transcende o dito das proposições linguísticas. O conteúdo expresso não se afasta do antes e do depois. Através das cartas, os jovens procedem com uma espécie de “paginação da própria vida”. (PAIS, 2003). O método de paginação, oportunizado pela escrita de si, por meio das cartas, opera outro procedimento que escapa ao controle do que é expresso nos textos: os “arquivamentos do eu”. (ARTIÈRES, 1998). Penetrar nos arquivos íntimos de cada jovem exige uma verdadeira operação de rastreamento à medida que, segundo Artières (1998, p. 3), ao arquivar nossa vida, “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens”.

O exercício da escuta dos ecos das escritas de si, protagonizadas pelos jovens da pesquisa, exige de nós o desenvolvimento e a aplicação de competências que se aproximem de uma atitude detetivesca, em direção à decifração de enigmas. Vemos-nos diante do paradigma indiciário, indicado por Ginzburg (2007), tentando dar voz a muitas pistas aparentemente mudas.

A etnografia do medo que perpassa as entrelinhas de cada carta constitui um dos desafios a ser enfrentados nas fases subsequentes da pesquisa. Acreditamos que as categorias analíticas da história cultural – representações, estratégicas e táticas, assim como as culturas prisionais como derivação das culturas escolares – se constituirão em contributos importantes para ampliar nossas lentes interpretativas, considerando as linguagens cifradas, usadas pelos jovens, numa parte significativa de suas narrativas escritas. (PESAVENTO, 2008; CHARTIER, 1988; CERTEAU, 1994; VIDAL, 2005).

## Referências

---

- AGLIARDI, Délcio Antonio. *Histórias de vida de adolescentes envolvidos na (re)produção de atos infracionais: como narram a si mesmos e os outros*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPG/Educ/UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- CÂMARA, Heleusa Figueira. *Além dos muros e das grades: discursos prisionais*. São Paulo: Educ, 2001.
- CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano 1: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário: mitos, emblemas, sinais*. Trad. de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.
- MARTINS, José de Sousa. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Anped, n. 5 e 6, p. 5-14, maio/ago./set./dez. 1997. Número Especial: Juventude e Contemporaneidade.
- \_\_\_\_\_. *O jogo do eu*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- \_\_\_\_\_. As múltiplas “caras” da cidadania. In: CASTRO, Lucia Rabello; CORREA, Jane (Org.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU; Faperj, 2004. p. 107-133.
- PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, maio/dez. 1997. Edição Especial: Juventude e Contemporaneidade.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SAVATER, Fernando. *A importância da escolha*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo César R. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: DÁVILA, Leon Oscar (Ed.). *Políticas públicas de juventud em América Latina: políticas nacionales*. Santiago: Cidpa, 2003.

STECANELA, Nilda. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. 2008. 397f. Tese (Doutorado em Educação) – PPG/Educ/UFRGS, Porto Alegre, 2008.

VIDAL, Diana. Cultura e práticas escolares. In: \_\_\_\_\_. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 21-65. (Coleção Memória da Educação).